

MEDIAÇÕES

REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

 10.5433/2176-6665.2025v30e52047p2

PARECER 2

Ana Beatriz Nogueira Pereira 
Universidade Federal de Minas Gerais
(PPGAN/UFMG, Belo Horizonte, MG, Brasil)
anabeatriznp@gmail.com

Dados do artigo avaliado:

COELHO, Camila T.; BUSS-HEIDEMANN, Ivonete T. Schülter; RODRIGUES, Luciana. Refletindo sobre as experiências de mulheres negras que atuam como cuidadoras no contexto domiciliar. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 30, p. 1-16, 2025. DOI: 10.5433/2176-6665.2025v30e52047. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/52047>. Acesso em: 05 jul. 2025.

Correspondência com as autorias:

Camila Trindade Coelho 
Universidade Federal de Santa Catarina
(PEN/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)
trielho_camilla@hotmail.com

Ivonete Teresinha Schülter Buss Heidemann 
Universidade Federal de Santa Catarina
(PEN/UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)
ivoneteheideman@gmail.com

Luciana Rodrigues 
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(PPGPSI/UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil).
lurodrigues.psico@gmail.com

Completo em: 2025-01-12 01:14 PM

Recomendação: Correções obrigatórias

1. O assunto tratado no artigo é relevante para as Ciências Sociais?

Sim. O assunto sobre a divisão sexual, racial e social do trabalho de cuidados, seja ele remunerado ou não remunerado, praticado dentro ou fora do ambiente domiciliar, são bastante relevantes para as Ciências Sociais. Trazer estudos qualitativos sobre a experiência de mulheres negras e suas relações, experiências e narrativas na sociedade brasileiro é de grande relevância.

2. O artigo é redigido de forma clara e consistente?

Parcialmente. É possível perceber algumas lacunas importantes na construção da escrita. Alguns termos e conceitos são trazidos sem a devida explicação e aprofundamento. Algumas questões relacionadas a metodologia e referencial teórico, além de dados secundários, relevantes à análise, são trazidos ao final do texto, no tópico de discussões e resultados. Algumas construções narrativas do artigo possuem lacunas, e seria preciso reelaboração para melhorar a compreensão e evitar duplas interpretações.

3. Há uma introdução na qual sejam apresentados claramente o objetivo e a justificativa do trabalho?

A introdução aborda em linhas gerais os objetivos do trabalho. Não foi possível identificar de forma nítida, na introdução, a justificativa do trabalho. A introdução traz alguns referenciais teóricos básicos, mais do que os objetivos do trabalho propriamente ditos. Algumas ideias parecem um pouco soltas e necessitam ser mais bem explicadas, por exemplo as ideias de "funções sociais", "papeis de gênero", "socialização de homens e mulheres". Seria importante abordar a noção de cuidado como escolha e cuidado como função designada estruturalmente a mulheres, a perspectiva teórica crítica acerca da noção de cuidado como trabalho, e de fato, como essas noções e conceitos se relacionam aos objetivos e resultados da pesquisa da autora.

4. O trabalho apresenta contribuições teóricas inovadoras?

Parcialmente. O artigo traz discussões importantes sobre a necessidade de implementação de políticas públicas, no âmbito do Sistema Único de Saúde, que considerem não apenas as pessoas que são cuidadas, mas também as pessoas que cuidam. Problematisa a sobrecarga de trabalho das cuidadoras, e o fato de serem mulheres e negras. Não traz muitos elementos sobre classe e geração dessas mulheres, apenas de forma superficial. Fala da coletivização do cuidado, mas não explica bem como essa proposição se relaciona ao contexto de pesquisa. Traz algumas autoras e conceitos importantes ao debate sobre cuidado sob uma perspectiva de raça, classe e gênero, mas sem o devido aprofundamento. Falta trazer mais à tona as próprias ideias da pesquisadora e como a pesquisa revela questões relevantes à temática proposta.

5. O trabalho apresenta contribuições empíricas ou metodológicas inovadoras?

Parcialmente. O trabalho traz algumas discussões metodológicas pouco comuns, mas relevantes às Ciências Sociais, como a conversação na perspectiva de bell hooks e análise episódica de Grada Kilomba. Porém, não foi possível ver com nitidez como essas metodologias estão presentes na pesquisa e nos resultados apresentados. A autora fala repetidas vezes da interseccionalidade como ferramenta, mas também não foi possível ver com aprofundamento como se revela nas práticas de pesquisa.

6. As interpretações e conclusões estão demonstradas (de forma clara e satisfatória?)

Parcialmente. Na discussão, a autora traz mais descrições etnográficas relacionadas à pesquisa. Mas não adentra muito na descrição das mulheres sujeitos de pesquisa. Estas, são trazidas de forma bastante rápida e com pouca profundidade. Falta detalhar relações de trabalho, relações de geração e gênero dentro dos contextos familiares, condições de trabalho (remunerado ou não), informações sobre classe social, relações de vizinhança e redes de apoio, discutir mais a fundo sobre os trechos das entrevistas. O cuidado, na discussão, muitas vezes parece ser tratado como algo dado, e não como algo construído a partir de suas práticas. Não há uma revisão teórica que posicione o entendimento de cuidado para a pesquisadora, quais as referências para a construção do conceito na pesquisa. Há o risco da interpretação rasa e do senso comum, diante de um conceito tão multivocal como o cuidado, e também de outros conceitos, como a própria ideia de raça, gênero, classe, trabalho, família, Estado, dentre outros. Ideias como "aptidão" e "escolha" são tratadas de forma superficial e sem a devida problematização diante de uma pesquisa que relaciona gênero e cuidado. Faltou explicar melhor elementos básicos da pesquisa, como o Programa Melhor em Casa, do SUS. Alguns trechos estão repetitivos, geralmente trazendo ideias gerais sobre as funções de cuidado, gênero e raça na sociedade brasileira. Não senti que a autora trouxe as conclusões de forma satisfatória.

7. O resumo e as palavras-chave expressam bem o artigo?

Sim, estão adequadas, ainda que algumas coisas apontadas no resumo não estejam bem desenvolvidas no artigo.

8. Há necessidade de modificação para tornar o artigo mais adequado à publicação?

(Se houver, explicita-as no quadro abaixo, expondo as razões para tanto. Pedimos que, caso julgue que o artigo precisa de correções, leve em consideração em sua decisão que Mediações não publica artigos cujas versões finais contem com mais de 66.000 caracteres com espaços.)

Sinto que há necessidade de muitas modificações para publicação, sobretudo no aprofundamento de conceitos-chave trazidos pela autora e sua relação com o objeto de pesquisa. A linguagem precisa ser mais clara e objetiva. Alguns trechos precisariam ser reescritos para uma melhor compreensão.

Página 1: Aprofundar melhor sobre quais seriam essas funções das cuidadoras. Importante pontuar que não são apenas "suas funções", de forma naturalizada, mas funções socialmente designadas por estruturas sociais que relegam a mulheres,

especialmente mulheres negras, as funções sociais de cuidar, de forma desvalorizada e invisibilizada.

Página 1: Faltou explicar melhor a relação entre a socialização das mulheres, as tarefas domésticas e a ideia de "necessidade social".

Página 1: Seria bom dizer por que as tarefas domésticas e a socialização seriam uma "necessidade social". Necessária à manutenção da vida social, da economia, das relações sociais, etc.

Página 1: Falar em papéis de gênero, divisão sexual do trabalho, etc. pode ser uma forma mais interessante do que dizer sobre a "construção do que seria homem e mulher"

Página 2: Explicar melhor sobre essa ideia de "impacto à performance de gênero";

Página 2: a autora escreve: "prejudicando a capacidade...". Questionamento da parecerista: A capacidade ou as condições/possibilidades? Essa forma de escrever me parece dar dupla interpretação, como se fosse algo relacionado a capacidade das mulheres, uma responsabilização.

Página 2: Importante também problematizar o que seria esse tal "equilíbrio entre vida profissional e pessoal". Trazer à tona o debate do cuidado como trabalho. Que deve ser valorizado como um trabalho. De forma articulada a vida pessoal. Problematicar a dicotomia entre "vida pessoal e vida profissional"

Página 2: reescrever o trecho em que fala que "as cuidadoras se veem isoladas de suas atividades cotidianas". Melhorar a redação e explicar melhor a ideia.

Página 2 e 3: Importante explicar melhor o link entre o cenário e a necessidade de desenvolver políticas públicas. Problematicar também o real alcance dessas políticas. Elas não resolvem tudo. Mas são um caminho necessário em termos de política e responsabilidade do Estado.

Página 4: A seguinte frase não está bem elaborada. É necessário reescrever: "Isso nos leva a refletir se o racismo estrutural e o sexismo são fatores que contribuem para essa situação, surge o questionamento porque as principais responsáveis pelo cuidado familiar não são consideradas prioridades nas estratégias de integralidade do cuidado."

Página 5: faltou descrever melhor os sujeitos de pesquisa. A descrição está superficial e não ajuda a compreender os elementos da interseccionalidade como ferramenta de análise de forma satisfatória.

Página 5: importante localizar a pesquisadora/pesquisador no contexto de pesquisa.

Página 7: Sobre a frase: "o cuidado se encontra na esfera doméstica, gratuita e familiar pelas mulheres". Importante. Mas é preciso elaborar melhor a ideia. O cuidado se faz a partir de suas práticas. O cuidado não é um dado, algo que "se encontra" em um lugar ou esfera. Refletir sobre isso. Reescrever e reelaborar a ideia.

Página 7: Da mesma forma, "os serviços de saúde" não são um ente dado. Trata-se de relações e práticas, de pessoas, funcionários de instituições de Estado, que se guiam por determinadas práticas, estruturas etc. Problematicar melhor o papel do Estado

Página 7: sobre a frase "... a desigualdade social da mulher negra": Melhor escrita, reelaborar. A desigualdade social não é "da mulher negra", é algo estrutural, que envolve relações de poder produzidas social e historicamente. Aprofundar na discussão com o devido embasamento.

Página 8. Sobre o trecho: "Como aborda Baptista et al. (2012), por diversas vezes os

cuidadores não se sentem preparados para executar as atividades de cuidar. Essa decisão engloba a família, que influencia nessa situação, que em momentos impõe a função para um único familiar que esteja disponível ou apto para isso". Sobre qual decisão a autora está falando? Problematicar o que seria essa disponibilidade e aptidão, com embasamento e com uma perspectiva crítica.

Página 9: Sobre o trecho: "identificamos que as cuidadoras assumem a função sem haver escolha dentro do seu núcleo". Abordar melhor esse lugar da escolha. Os papéis de decisão e imposição dentro de um núcleo familiar? Quem decide e quem acata? As mulheres que cuidam realmente não participam dessa decisão? Elas realmente não têm escolha? Penso que há mais camadas. Muitas delas podem sim, "escolher" cuidar, dentro de limites, imposições morais, históricas, dos papéis de gênero, da ideia moral de que se deve cuidar de um familiar, etc. Elas muitas vezes podem escolher assumir essa responsabilidade, ainda que condicionadas por diversos fatores sócio-históricos.

Página 9: qualificar melhor quais são os outros entes familiares em questão.

Página 9: Faltou mais análise sobre as citações. Sobre a citação ao final da página 9, importante abordar melhor esse papel entre gerações. As diferenças entre as funções sociais da mulher mais velha e das mulheres das novas gerações. Há diferenças? Quais? Qual a relação entre elas?

Página 10: sobre a expressão "não consegue parar". A entrevistada traz mais elementos sobre isso? Sobre não conseguir parar? Importante aprofundar mais nessas nuances e detalhes.

Página 10: Quem são esses vizinhos? Ou vizinhas? Quais as relações de vizinhança enquanto rede de apoio?

Página 10: Qual o trabalho de Michele Obama? Colocar em perspectiva o trabalho fora de casa e dentro de casa, remunerado e não remunerado

Página 10: sobre o trecho "Nesse cenário, observamos quais as capacitações e intervenções são propostas pelo serviço de saúde que acompanha essas famílias para cuidar de quem cuida, apesar de o programa ter como alvo os dependentes adoecidos e não as cuidadoras.". Quais são essas capacitações e intervenções?

Página 10: Trecho: "É válido questionar, como já mencionamos acima, por que o bem-estar e qualidade de vida das principais responsáveis pelo cuidado familiar não está sendo visado nas estratégias de manutenção integral do cuidado.". Corrigir concordância verbal: "não estão sendo visados".

Página 11: Explicar melhor a relação entre trabalho doméstico e desigualdade e opressão (ainda que pareça óbvio a um leitor brasileiro)

Página 11: Trecho: "Dados de 2023 relatam que 75% das mulheres são responsáveis pelo cuidado, sendo um trabalho não remunerado..." - nem sempre o cuidado é um trabalho não remunerado. Explicar melhor os elementos e conceitos.

Página 11: Bons dados e reflexões teóricas trazidas, mas acho que poderiam vir na parte mais introdutória, deixando para essa parte, as reflexões próprias da pesquisadora.

Página 11: explicar o que se entender pela expressão utilizada: "cuidado ocidental". Da forma como está, parece algo do senso comum, sem discussão ou aprofundamento conceitual.

Página 12: último parágrafo antes das considerações finais parece já ter sido dito com outras palavras. está deslocado e um pouco repetitivo.

Página 12: sobre o trecho: "A análise das experiências de mulheres negras cuidadoras familiares revelou um quadro complexo, onde a exaustão e a sobrecarga de trabalho são consequências diretas da falta de apoio e da organização familiar". É necessário aprofundar. Se são "consequências diretas", é preciso explicar essa relação de causa e efeito. Tendo a discordar dessa relação tão direta e simplista. Há um cenário mais complexo em jogo e que precisa ser trazido ao texto.

Página 12: sobre o trecho: "As narrativas de Conceição Evaristo, Dona Maju e Michele Obama ilustram não apenas os desafios cotidianos enfrentados no cuidado de um familiar, mas também a invisibilidade e a desvalorização do trabalho que essas mulheres realizam.". Importante. Mas acho que essas narrativas são menos uma "ilustração" do que algo vinculado a experiência concreta dessas mulheres, que se relaciona com a experiência de outras mulheres com trajetórias de vida e condições sociais de raça, classe, geração semelhantes.

Em todo o artigo: Importante desnaturalizar o papel de "cuidadoras". Elas desempenham funções sociais de cuidado, sim. Mas não são naturalmente cuidadoras. Importante explicitar isso no texto.

Página 13: Explicar melhor o que é a coletivização do cuidado, na prática

Página 13: sobre o trecho: "Por fim, é imprescindível que o legado das mulheres negras que sustentam a história africana e afrobrasileira seja honrado por meio da valorização do trabalho de cuidado e da criação de espaços que permitam a expressão de suas experiências.". Importante. Mas também é igualmente importante que seja problematizado esse lugar das mulheres negras enquanto cuidadoras universais.

Observação: no arquivo indicado como "comentários parecerista", sinalizado em amarelo discussões que considero relevantes e em azul discussões que considero pontos de atenção e com necessidade de modificação obrigatória.

9. Parecer quanto à publicação do artigo:

☐ Aceitar

☒ **Aceitar desde que observadas as correções obrigatórias**

☐ Rejeitar

10. Caso a decisão seja por correções obrigatórias, você deseja revisar a versão corrigida?

☒ **Sim**

☐ Não

11. Mediações incentiva e faculta a pareceristas a atuação segundo os princípios da avaliação informada (Ciência Aberta, SciELO, etc), que prevê, entre outras coisas, o diálogo entre autorias e pareceristas identificadas. Você deseja que esta avaliação seja aberta à(s) autoria(s) ainda no curso da avaliação, quando do primeiro envio dos pareceres?

☒ **Sim**

☐ Não

12. Você deseja ter seu nome publicizado como parecerista ao final do texto do artigo, caso o artigo venha a ser aprovado e publicado?

X Sim

☐ Não

13. Os pareceres constituem um novo tipo de literatura na metodologia SciELO e recebem tratamento similar aos artigos de pesquisa. Você autoriza *Mediações* a disponibilizar o texto ou trechos do texto de seu parecer?

X Sim

☐ Não

Refletindo sobre as experiências de mulheres negras que atuam como cuidadoras no contexto domiciliar

[Parecer 2: Trechos do documento com revisões inserido no sistema e disponibilizado às autorias]

Resumo: O presente estudo XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX a experiência de mulheres negras cuidadoras familiares que participam do Programa Melhor em Casa, integrando a rede do Sistema Único de Saúde (SUS). O objetivo é aprofundar a discussão acerca das práticas de cuidado e das redes de apoio destinadas às mulheres negras que cuidam de familiares doentes em casa. Utilizamos um método qualitativo, XXXX XXXX XXXX, que incluiu visitas domiciliares às residências de três mulheres negras participantes do programa, que cuidam de um familiar doente. Para a análise dos dados, adotamos o conceito de interseccionalidade como ferramenta para compreender as experiências compartilhadas pelas cuidadoras. Destacamos a necessidade de implementar políticas públicas que promovam a coletivização do cuidado e ofereçam suporte às cuidadoras, levando em consideração suas experiências e realidades. Essa mudança de perspectiva não apenas beneficia as cuidadoras, mas também impacta positivamente a qualidade do cuidado prestado às/aos pacientes.

(...)

Introdução

As cuidadoras familiares são parentes próximos, como cônjuges, irmãs/os, sobrinhas/os ou netas/os. Estudos feministas, como os de Angela Davis (2016) e Patricia Hill Collins (2019), apontam que as mulheres negras estão desfavorecidas frente aos homens e mulheres brancas, atravessadas por condicionantes de classe social, objetificação de seus corpos e subserviência em suas relações. Ademais, a literatura, como Barahona e Díaz (2005), revela que essas cuidadoras frequentemente realizam suas funções enquanto mantêm outros empregos ou responsabilidades. Sendo assim, as tarefas domésticas, junto à socialização, se configuram em uma necessidade social, evidenciando a responsabilidade historicamente atribuída às mulheres (Davis, 2016). Como resultado, a sobrecarga e distribuição do trabalho de cuidado doméstico são geralmente atribuídas às mulheres, resultando em um ônus significativo em seu

Comentado [A1]: Aprofundar melhor sobre quais seriam essas funções. Importante pontuar que não são apenas "suas funções", de forma naturalizada, mas funções socialmente designadas por estruturas sociais que relegam a mulheres, especialmente mulheres negras, as funções sociais de cuidar, de forma desvalorizada e invisibilizada.

Comentado [A2]: Faltou explicar melhor a relação entre a socialização das mulheres, as tarefas domésticas e a ideia de "necessidade social". Ficou confuso.

Comentado [A3]: Seria bom dizer por que são uma "necessidade social". Necessária à manutenção da vida social, da economia, das relações sociais, etc.

cotidiano. Essa carga não se limita à gestão dos afazeres domésticos, mas também inclui a administração das necessidades específicas do familiar adoecido, como alimentação, higiene e medicação (XXXX, XXXX). Essa situação reflete um processo pautado em lógicas binárias, assimétricas e de dominação que constituíram a construção do que **significa ser homem e mulher** na sociedade em que vivemos. Lógicas **herdadas** de um sistema político patriarcal que historicamente desde a colonização, como nos mostra o trabalho de Oyěwùmí (2021), afirmou lugares diferentes e hierárquicos para corpos considerados femininos e corpos considerados masculinos, moldando a percepção do cuidado como uma obrigação inerente às mulheres, desvalorizada e não remunerada.

Esse sistema perpetua a ideia de que o cuidado é uma responsabilidade feminina que não deve ser compensada economicamente, **impactando as escolhas de vida e a performance de gênero**. A pressão para assumir o cuidado não remunerado pode levar a um desequilíbrio significativo entre as responsabilidades de cuidado e outras atividades, **prejudicando a capacidade** das mulheres de manter um equilíbrio entre vida profissional e pessoal (Esteves; Bitu; Gurgel, 2021; XXXX, XXXX).

(...)

Diante desse cenário, é essencial **desenvolver políticas públicas que melhorem as condições de saúde e promovam uma melhor compreensão e enfrentamento das dificuldades que essas mulheres enfrentam**. Além disso, essa dinâmica perpetua um **ciclo de sobrecarga e desvalorização do trabalho de cuidado**, frequentemente **invisibilizado nas políticas de trabalho e bem-estar**. Esses fatores destacam a urgência de uma análise crítica e de políticas que reconheçam e valorizem o trabalho de cuidado, levando em conta sua importância para a estrutura familiar e social, assim como para a promoção da equidade de gênero.

(...)

Deste modo, o presente estudo, XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX, busca tecer uma análise crítica com e a partir da **experiência de mulheres negras cuidadoras familiares** que aceitaram fazer parte XXXX XXXX XXXX, todas elas (assim como, seus entes) **usuárias/os do Sistema Único de Saúde (SUS)**. Todas as participantes

Comentado [A4]: Falar em papéis de gênero, divisão sexual do trabalho, etc. pode ser uma forma mais interessante

Comentado [A5]: Entender melhor sobre essa ideia de impacto à performance de gênero. Não entendi bem

Comentado [A6]: A capacidade ou as condições/possibilidades? Essa forma de escrever me parece dar dupla interpretação, como se fosse algo relacionado a capacidade das mulheres, uma responsabilização

Comentado [A7R6]: Importante também problematizar o que seria esse tal "equilíbrio entre vida profissional e pessoal". Trazer à tona o debate do cuidado como trabalho. Que deve ser valorizado como um trabalho. De forma articulada a vida pessoal. Problematicar a dicotomia entre "vida pessoal e vida profissional"

Comentado [A8]: Importante explicar melhor o link entre o cenário e a necessidade de desenvolver políticas públicas. Problematicar também o real alcance dessas políticas. Elas não resolvem tudo. Mas são um caminho necessário em termos de política e responsabilidade do Estado.

da pesquisa faziam parte do Programa Melhor em Casa, serviço de atenção domiciliar do Hospital Escola, relatando que esse foi fundamental ao amparo no cuidado que necessitavam realizar no espaço do lar.

(...)

No entanto, ao considerar a continuidade do cuidado integral na Atenção Domiciliar, destaca-se a necessidade de apoiar o cuidador/a familiar e de reconhecer as condições que enfrentam. A participação ativa das/os profissionais de saúde envolvidas/os nos serviços, assim como a colaboração com as/os usuárias/os e suas famílias, é fundamental (Brasil, 2016). As orientações, capacitações e um olhar atento para as pessoas que cuidam, com a mesma atenção que se dá às/aos pacientes, são imprescindíveis para melhorar a experiência vivida pelas cuidadoras. A perspectiva interseccional revela lacunas no atendimento das equipes de saúde, que frequentemente focam apenas a/o paciente, ignorando a sobrecarga, a solidão e a exaustão enfrentadas pelas cuidadoras familiares.

No entanto, a naturalização do trabalho de cuidado, frequentemente associado às mulheres, é visto como um ato voluntário e de abnegação que resulta na invisibilidade das cuidadoras. Essa invisibilidade impacta o processo saúde-doença, levando-as a condições de saúde mental e físicas fragilizadas, assim, é fundamental que as cuidadoras sejam integradas à totalidade do cuidado oferecido pelos serviços de saúde. Isso nos leva a refletir se o racismo estrutural e o sexismo são fatores que contribuem para essa situação, surge o questionamento porque as principais responsáveis pelo cuidado familiar não são consideradas prioridades nas estratégias de integralidade do cuidado. É nesse caminho que o diálogo com o conceito de interseccionalidade contribuirá para nossa análise reflexiva desta problemática.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem trazendo novas perspectivas para a ação política feminista e antirracista, potencializando a discussão racial e a questão de gênero na sociedade brasileira (Novais; Jucá, 2017). Dessa forma, analisamos as experiências das mulheres negras cuidadoras, participantes do Programa Melhor em Casa, tendo como

Comentado [A9]: Explicar melhor

Comentado [A10]: Essa frase não está bem elaborada. Necessário reescrever

objetivo aprofundar a discussão acerca das práticas de cuidado, rede de apoio e serviços de saúde ao pensar nas mulheres negras que cuidam de familiares doentes em casa utilizando o conceito da interseccionalidade para analisar como gênero, classe e raça influenciam essas experiências. Isso será feito com base nos dados XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX [XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX].

(...)

(...)

Para a interação com as cuidadoras, foi utilizada a abordagem da conversação, inspirada nas contribuições que bell hooks (2020) nos oferta em seu trabalho no campo da educação. Como propõe hooks (2020), a conversação é um método de diálogo horizontal e democrático que permitiu, XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX XXXX trocarem compreensões e significados, compartilhando informações sobre as experiências de cuidado investigadas.

Para a realização da pesquisa, ocorreram três encontros, gravados em áudio e com duração aproximada de uma hora e meia cada, nos lares das próprias cuidadoras. Esses encontros, denominados "visitas-conversação", foram iniciados com palavras disparadoras baseadas em temas propostos XXXX XXXX. Os dois primeiros encontros abordaram questões de gênero e raça, enquanto o terceiro focou em classe social.

A análise dos dados foi realizada por meio da metodologia da análise episódica (Kilomba, 2019), que permite identificar como o racismo se manifesta e se configura nas cenas do cotidiano. As conversas foram transcritas e organizadas em episódios, destacando os principais tópicos com o auxílio do software Etnograph, que foi codificado utilizando as palavras-chave "gênero", "classe" e "raça".

(...)

Conceição Evaristo cuida do seu irmão desde 2021 e, como as outras cuidadoras que participaram da pesquisa, executa esse cuidado há um ano. Ela tem 67 anos, reside em Pelotas-RS e tem uma rotina de cuidados regrada e dedicada: abdicou de suas ocupações como empregada doméstica para se entregar ao cuidado do familiar que tem

Comentado [A11]: Seria interessante localizar a pesquisadora/pesquisador nesse contexto

câncer colorretal maligno. O paciente apresenta dificuldade de locomoção, necessitando de higienização, alimentação, medicações e curativos realizados duas vezes por dia.

Dona Maju Coutinho tem 67 anos e Michele Obama tem 34 anos são mãe e filha, cuidadoras do seu José, pai e esposo, todos residem em Pelotas-RS. Seu José, paciente do Melhor em Casa, foi diagnosticado com câncer de esôfago em setembro de 2021, iniciando tratamento domiciliar após quimioterapia e radioterapia. Atualmente, sua condição está estabilizada e Dona Maju e Michele desempenham um papel mais tranquilo no cuidado devido à melhora de seu José.

Ambas, assim como Conceição Evaristo, têm histórico de trabalho doméstico, uma realidade ainda comum entre mulheres negras (Esteves; Bitu; Gurgel, 2021). Nesse contexto, as cuidadoras são consideradas mulheres idosas, sendo aquelas que deveriam obter cuidados, tanto do ambiente doméstico quanto do Estado, porém, são elas que estão executando o cuidado e que continuam a se responsabilizar pelas tarefas que o cuidar demanda (Lins; Andrade, 2018).

(...)

Refletimos com essas falas que o cuidado se encontra na esfera doméstica, gratuita e familiar pelas mulheres (Grecco, 2018). Os serviços de saúde não olham para as cuidadoras/es, é preciso políticas públicas que abarcam a importância das recomendações de Jurema Werneck (2016) sobre a necessidade de combater o racismo institucional nas instituições de saúde e nas formações acadêmicas, visto que esse racismo influencia atitudes, lógicas e procedimentos que perpetuam a exclusão racial. A desigualdade social da mulher negra é uma questão densa e persistente na esfera social, assim exigindo abordagens interseccionais em políticas públicas e práticas sociais (Crenshaw, 1991).

(...)

Dados atuais (Brasil, 2017) expõem as dificuldades de ascensão social das mulheres e da população negra em geral, dentro de uma estrutura masculina dominante e que favorece pessoas brancas. Como apresentado na Política Nacional de

Comentado [A12]: Explicar melhor. Como era antes, como está agora?

Comentado [A13]: Remunerado e não remunerado? Detalhar mais

Comentado [A14]: Importante. Mas é preciso elaborar melhor a ideia. O cuidado se faz a partir de suas práticas. O cuidado não é um dado, algo que "se encontra" em um lugar ou esfera. Refletir sobre isso.

Comentado [A15]: Da mesma forma, os serviços de saúde não são um ente dado. São pessoas, funcionários de instituições de Estado, que se guiam por determinadas práticas, estruturas etc. Problematicar melhor o papel do Estado

Comentado [A16]: Melhor escrita. A desigualdade social não é "da mulher negra"

Saúde da População Negra de 2017 (Brasil, 2017), a desigualdade de raça é estruturante na manutenção da desigualdade social brasileira.

Em vista disso, identificamos que as cuidadoras assumem a função sem haver escolha dentro do seu núcleo, gerando dessa imposição sintomas de sobrecarga e estresse, refletidos na falta de escolha, retratando um ambiente de omissão advindo de outros familiares. Acontece, ainda, de outros entes aparecerem para dar suporte somente quando solicitado e muitas vezes rapidamente, ou seja, ocasionando no(a) cuidador(a) sentimentos de apatia, tristeza e isolamento, a falta de suporte social influenciando na intensidade das implicações negativas, aumentando a vulnerabilidade dos sujeitos ao adoecimento em geral (Baptista *et al.*, 2012).

Os diálogos apresentados nas conversações ilustram a análise de Patricia Hill Collins (2016) sobre como foi imposto às mulheres negras o papel de cuidadoras em um contexto de construção social patriarcal e racista. Mesmo quando não estão preparadas para cuidar, essa imposição reflete uma questão que compõe a subjetividade da mulher negra: um papel politicamente construído, no qual ela cuida dos outros, mas não cuida de si (Collins, 2016).

(...)

XXXX: A senhora se sente sobrecarregada?

Dona Maju: Às vezes eu me sinto, né, porque, claro, os filhos trabalham.

XXXX: A senhora passava a maior parte do tempo com ele, no caso?

Dona Maju: É, fica só eu e ele.

Dona Maju: De segunda a sexta é só eu e ele, porque a gurja trabalha e estuda e o guri trabalha o dia todo também, né, das nove às seis da tarde. Ele não tem horário pra nada, sou eu que continuo controlando ainda todo os horários, da dose dos medicamentos, ele nem sabe que medicamento ele tem que tomar, tudo tem que ser eu quem tem que controlar.

Dona Maju aborda a sobrecarga de realizar todas as tarefas e que não consegue parar, Seu José não sabe os horários das suas medicações e nem ao menos o nome delas, mas realiza o tratamento orientado pela cuidadora familiar:

(...)

Nesta análise, Dona Maju relata que não tem tempo para ela, nem sequer consegue organizar suas atividades, porque necessita atender o Seu José e executar os cuidados necessários. É importante ressaltar a falta de tempo das cuidadoras para si

Comentado [A17]: Abordar melhor esse lugar da escolha. Os papéis de decisão e imposição dentro de um núcleo familiar? Quem decide e quem acata? As mulheres que cuidam realmente não participam dessa decisão? Elas realmente não têm escolha? Penso que há mais camadas. Muitas delas podem sim, "escolher" cuidar, dentro de limites, imposições morais, históricas, dos papéis de gênero, da ideia moral de que se deve cuidar de um familiar, etc. Elas muitas vezes podem escolher assumir essa responsabilidade, ainda que condicionadas por diversos fatores sócio-históricos.

Comentado [A18]: Quem são esses outros entes. Qualificar melhor

Comentado [A19]: Seria bom abordar melhor esse papel entre gerações. As diferenças entre as funções sociais da mulher mais velha e das mulheres das novas gerações. Há diferenças? Quais? Qual a relação entre elas?

Comentado [A20]: Ela traz mais elementos sobre isso? Sobre não conseguir parar? Seria bom aprofundar

e/ou para fazer uma alimentação sem precisar atender o paciente. Dona Maju retrata que gostaria de tomar o seu café da manhã com calma, sem pressa, mas a rotina de cuidados não possibilita esses momentos, assim como Conceição Evaristo que está sempre fazendo as tarefas da casa juntamente com as atividades de cuidadora, sem suporte familiar, mas com a ajuda em alguns momentos de sua rede de apoio, que encontra em seus vizinhos.

Michele Obama consegue ter um período para si quando está trabalhando e/ou estudando, dividindo-se com as tarefas do lar, de cuidadora, estudante e trabalhadora – ocupações que por momentos a faz questionar se está vivendo para si ou para os outros, reflexões que ela levantou nas conversações. Nesse cenário, observamos quais as capacitações e intervenções são propostas pelo serviço de saúde que acompanha essas famílias para cuidar de quem cuida, apesar de o programa ter como alvo os dependentes adoecidos e não as cuidadoras. É válido questionar, como já mencionamos acima, por que o bem-estar e qualidade de vida das principais responsáveis pelo cuidado familiar não está sendo visado nas estratégias de manutenção integral do cuidado.

(...)

Em 2018, o trabalho doméstico foi realizado por cerca de 6,2 milhões de pessoas, das quais 5,7 milhões (92%) eram mulheres. Dentre essas, 3,9 milhões eram negras (Bond, 2019). Esses dados evidenciam as desigualdades e opressões, revelando a posição das cuidadoras, mulheres negras que desempenham tarefas sociais impostas pela branquitude burguesa. Dados de 2023 relatam que 75% das mulheres são responsáveis pelo cuidado, sendo um trabalho não remunerado, e elas dedicam até 25 horas semanais às tarefas domésticas, enquanto homens apenas 11 horas mesmo estudando e/ou trabalhando (Epker; Almeida, 2023).

(...)

As amas de leite, mulheres escravizadas durante o período colonial, eram responsáveis pelos cuidados das crianças filhas dos senhores de engenho, abdicando forçadamente dos cuidados com seus filhos, essas mulheres foram algumas das

Comentado [A21]: Quem são esses vizinhos? Ou vizinhas? Quais as relações de vizinhança enquanto rede de apoio?

Comentado [A22]: Qual o trabalho dela? Colocar em perspectiva o trabalho fora de casa e dentro de casa, remunerado e não remunerado

Comentado [A23]: Quais são?

Comentado [A24]: estão

Comentado [A25]: Explicar melhor a relação entre trabalho doméstico e desigualdade e opressão (ainda que pareça óbvio a um leitor brasileiro)

Comentado [A26]: Nem sempre

primeiras figuras a exercer o cuidado no Brasil (Campos, 2012). Muitas mulheres negras, ao lado de famílias brancas, assumiram o papel de “cuidadoras”, tornando-se responsáveis pela amamentação e outros cuidados infantis. Essas relações colonialistas se estabeleceram em um contexto de dominação e subserviência onde as mulheres negras eram exploradas (Campos, 2012).

Ademais, é importante salientar que o cuidado ocidental impõe papéis específicos às mulheres em seus lares, mesmo diante das desigualdades de trajetórias e perfis. Essa dinâmica frequentemente relegou às mulheres a função de cuidadoras, desempenhando atividades tradicionais e não remuneradas na esfera doméstica e familiar (Hirata, 2014). A estrutura social reforça e legitima a divisão entre os gêneros e a consequente subordinação das mulheres, de acordo com a dicotomia fragmentada entre homens e mulheres no que é estabelecido nas construções sociais (Lins; Andrade, 2018).

(...)

Para isso, utilizamos a interseccionalidade como ferramenta de análise para compreender os elementos das experiências de não ser cuidada, revelando as implicações estruturais das camadas opressoras na sociedade. Essa abordagem nos permite explorar como diferentes fatores atravessam o corpo e as vivências dessas mulheres. Ao focar especificamente no racismo, no patriarcalismo, na opressão de classe e em outros sistemas discriminatórios, observamos como esses fatores se entrelaçam, estruturando desigualdades e definindo as posições relativas de mulheres, raças, etnias e classes sociais (Crenshaw, 2004).

Considerações finais

A análise das experiências de mulheres negras cuidadoras familiares revelou um quadro complexo, onde a exaustão e a sobrecarga de trabalho são consequências diretas da falta de apoio e da organização familiar. As narrativas de Conceição Evaristo, Dona Maju e Michele Obama ilustram não apenas os desafios cotidianos enfrentados no cuidado de um familiar, mas também a invisibilidade e a desvalorização do trabalho

Comentado [A27]: Bons dados e reflexões trazidas aqui, mas acho que poderiam vir na parte mais introdutória, deixando para essa parte, as reflexões próprias da pesquisadora

Comentado [A28]: Explicar o que se entende por "cuidado ocidental"

Comentado [A29]: Reflexão um pouco repetitiva

Comentado [A30]: Esse trecho parece que já foi dito com outras palavras, e não parece adequado a esse tópico, pois se refere mais a metodologia de análise do que resultados e discussão

Comentado [A31]: Necessário aprofundar. Se são consequências diretas, é preciso explicar essa relação de causa e efeito

que essas mulheres realizam. Mesmo com o suporte do Programa "Melhor em Casa", que proporciona recursos e assistência para a realização do cuidado de familiares adoecidos exercido em domicílio, as cuidadoras enfrentam limitações significativas devido à falta de uma rede de apoio efetiva para a sustentação desse cuidado e à carga desproporcional que recai exclusivamente sobre elas. A necessidade de apoio, tanto emocional quanto físico para as cuidadoras, se torna evidente, ressaltando a importância de uma abordagem que leve em conta suas próprias experiências e realidades.

Além disso, os resultados enfatizam a urgência de se implementar políticas públicas que ofereçam ações que efetivamente contribuam para a coletivização do cuidado e proporcionem o cuidado para quem cuida. O suporte adequado não deve ser apenas uma responsabilidade individual, mas sim um compromisso coletivo que envolve familiares e instituições de saúde. É crucial que as/os profissionais da saúde sejam treinadas/os para abordar as necessidades das cuidadoras com a mesma atenção dedicada às/aos pacientes, reconhecendo que seu bem-estar é essencial para a continuidade do cuidado e a promoção da saúde no ambiente domiciliar. Essa mudança de perspectiva não só beneficia as cuidadoras, mas também impacta positivamente a qualidade do cuidado prestado às/aos pacientes.

Por fim, é imprescindível que o legado das mulheres negras que sustentam a história africana e afrobrasileira seja honrado por meio da valorização do trabalho de cuidado e da criação de espaços que permitam a expressão de suas experiências.

Comentado [A32]: Importante. Mas acho que essas narrativas são menos uma "ilustração" do que algo vinculado a experiência concreta dessas mulheres, que se relaciona com a experiência de outras mulheres com trajetórias de vida e condições sociais de raça, classe, geração semelhantes

Comentado [A33]: Importante desnaturalizar o papel de "cuidadoras". Elas desempenham funções sociais de cuidado, sim. Mas não são naturalmente cuidadoras. Importante explicitar isso no texto.

Comentado [A34]: Explicar melhor o que é a coletivização do cuidado, na prática

Comentado [A35]: Mas também que seja problematizado esse lugar das mulheres negras enquanto cuidadoras universais.